

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE**Sociedade, regras, egoísmo e fraude**

O sentido da sua vida e, em última instância, o alcance de estados de felicidade são também resultado desse processo permanente de interacção social



António João Maia

O homem é um animal gregário. Vive em grupo – a sociedade – e é nele que toda a sua vida se contextualiza. É nele que constrói e concretiza os seus projectos, que vivencia as suas ansiedades e os seus sonhos. O sentido da sua vida e, em última instância, o alcance de estados de felicidade são também resultado desse processo permanente de interacção social que estabelece com os outros no contexto do grupo.

As regras podem considerar-se mecanismos que facilitam a integração dos indivíduos no grupo. Traduzem as marcas identitárias do grupo e funcionam como mecanismos de manutenção da coesão social. Porém, para desempenharem tais funções, devem traduzir os valores em que os elementos do grupo acreditam e, em concordância com eles, as práticas estabelecidas e aceites como válidas. Separam o que o grupo considera correcto ou normal daquilo que não deve ou não pode fazer-se. Neste sentido, estabelecem as expectativas sociais, criando uma espécie de quadro de normalidade que, por antecipação e com elevada probabilidade de certeza, permite prever as práticas da maioria dos indivíduos.

Enquanto a maior parte dos elementos de grupo acreditar no sentido do quadro normativo existente e agir em conformidade com ele, confere-lhe uma dimensão real, porque o sustenta e valida. Quanto aos sujeitos que, pelas mais diversas razões, aqui e acolá o vão desrespeitando, com práticas contrárias às expectativas, devem ser

punidos de acordo com as próprias regras. É assim que os grupos validam as normas e legitimam as práticas correspondentes e, coercivamente, pressionam os que as desrespeitam para se conformarem com elas (os processos de integração social).

Pode pois aceitar-se que a dinâmica social deriva essencialmente de duas forças: a cooperação entre os indivíduos que acreditam nas regras e agem de acordo com elas, e a constrição, que está sempre presente e traduz a possibilidade de sanção para os que contrariam as expectativas sociais, a normalidade (claro que na realidade a questão não é assim tão simples – ninguém cumpre as regras todas, nem ninguém as desrespeita todas, simplesmente uns tendem a respeitá-las e outros a desafiar-las).

A natureza gregária do homem deriva, em grande medida, da necessidade de alcançar objectivos importantes para os indivíduos, que de outra forma seriam de difícil obtenção (a defesa das crias e dos mais velhos face aos predadores conta-se entre as razões mais ancestrais). A vivência em gru-

po implica a existência de objectivos comuns e de estratégias para os alcançar. Paralelamente, é possível identificar objectivos particulares, associados ao contexto de vida de cada um dos sujeitos. De forma geral os objectivos individuais acompanham o sentido e o propósito dos colectivos e todos eles tendem a concordar com o quadro normativo do grupo.

O problema da fraude, é bom de ver, refere-se às situações de divergência dos objectivos individuais face aos colectivos e ao desrespeito pelas regras. Corresponde a opções egoístas para o alcance de propósitos individuais (comprar um automóvel novo), através do desrespeito pelas regras (não pagar os impostos legalmente previstos), em prejuízo dos objectivos colectivos (redução do orçamento disponível para custear a rede de hospitais públicos) e ainda com a agravante de os utilizar.

Antropólogo, mestre em Sociologia



OBEGEF
Observatório de Economia
e Gestão de Fraude



As regras são também produto das relações sociais

VALORES

LUÍS GONÇALVES DA SILVA

Dramático

Portugal vive a maior crise de desemprego do regime democrático. Os números são esmagadores: 923 mil desempregados no quarto trimestre de 2012, cerca de 40% de desempregados jovens e 28% de desempregados de longa duração; em média, por hora, 17 pessoas ficaram sem emprego em 2012. O desemprego é um flagelo pessoal cuja dimensão é incomensurável. Um desempregado perde fácil e compreensivelmente a auto-estima, os contactos sociais e entra num processo pessoal e social de sofrimento e degradação que se estende a todo o agregado familiar; isso é facilmente explicável se tivermos presente que o trabalho é uma condição essencial da vida humana. Infelizmente a dureza dos números não deixa margem para dúvidas: o combate ao desemprego não está a ser eficaz e o drama social agrava-se. É certo que a inversão sustentada só ocorrerá com o crescimento económico, mas as tímidas políticas activas não estão a produzir efeitos substanciais. Impõe-se por isso uma agenda para combater este flagelo, que reúna governo, oposição e parceiros sociais e, mais que nunca, os poderes municipais. Não é possível combater o desemprego com medidas que ignoram, por exemplo, a realidade territorial, o tecido empresarial, as qualificações e o sector económico; não atender a estes e outros elementos é desbaratar recursos públicos. Perante isto, pergunta-se: para quando a atribuição às câmaras municipais e a outras entidades locais de efectivos poderes no combate a este drama social?

*Consultor de comunicação
Escreve ao sábado*

Pode aceitar-se que a dinâmica social deriva de duas forças: a cooperação e a constrição